

DIÁRIOS DE BORDO: A VIAGEM COMO ESPAÇO POÉTICO

Márcia Regina Pereira de Sousa¹
Elida Tessler²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

O presente relato integra os primeiros esboços para o desenho de uma metodologia em poéticas visuais, orientada para o meu próprio processo de trabalho. Em meu projeto de investigação, proponho-me a registrar em cadernos, por meio de desenhos e escritas, o meu tempo fragmentado entre viagens e deslocamentos. Este texto deriva de anotações em meus cadernos de bordo, tendo em foco a viagem como espaço poético.

Palavras-chave: cadernos; desenho; escrita; viagem; processo

Abstract

This essay includes the first sketches for drawing a methodology in visual poetics, focused on my own work process. In my research, I propose to register in notebooks, through drawings and writings, my fragmented time between journeys and movements. This text derives from notes in my notebooks, focusing on the journey as poetic space.

Keywords: notebooks; drawing; writing; journey; process

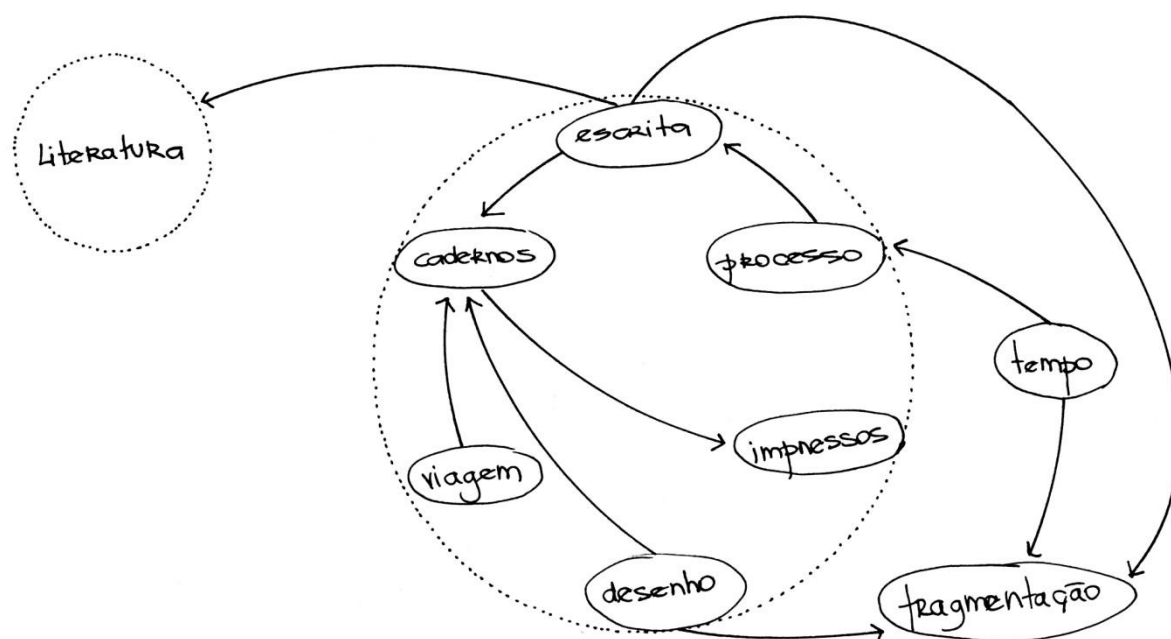
¹ Artista visual e professora. Doutoranda em Poéticas Visuais na UFRGS. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC. Graduada em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná e em Comunicação Social pela UFPR. Autora do livro "O livro de artista como lugar tátil". Participa de exposições coletivas de artes visuais desde 1997. Atualmente desenvolve projetos poéticos em desenho, fotografia, gravura, publicações e livros de artista. Integrante do grupo de pesquisa **.p.a.r.t.e.s.c.r.i.t.a.** [luasnovas@yahoo.com.br]

² Orientadora. Artista plástica e professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Realizou Doutorado e Pós-Doutorado na Université de Paris I-Panthéon-Sorbonne e na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (França). É pesquisadora do CNPq, desenvolvendo pesquisas em torno das questões que envolvem arte e literatura, relacionando a palavra escrita à imagem visual. Coordena o grupo de pesquisa **.p.a.r.t.e.s.c.r.i.t.a.** [elidatessler@uol.com.br]

Em meu projeto de pesquisa para o doutorado em Poéticas Visuais proponho registrar em cadernos a passagem do meu tempo fragmentado entre viagens e deslocamentos, por meio de escritas e desenhos, traçando relações com o campo da literatura. Pretendo conferir, desse modo, ênfase aos meus processos de trabalho. Ao longo do projeto poético pretendo transformar alguns desses conjuntos de registros em impressos, tendo em conta os eixos: o caderno, o desenho, a escrita, a viagem, o processo.

O presente relato é derivado de anotações em meus cadernos de bordo, e configura-se em uma reflexão acerca de meu processo poético na busca pelo desenho de uma metodologia de trabalho. Partindo do princípio de que em uma pesquisa *em Artes Visuais* cada processo inaugura um método, aprendido e adaptado ao longo do percurso, essa metodologia é a princípio transitória, uma vez que o trabalho está também em constante movimento.

Meu projeto de trabalho atual divide-se em seis eixos de interesse e estudo, que podem ser observados no núcleo principal do mapa abaixo:

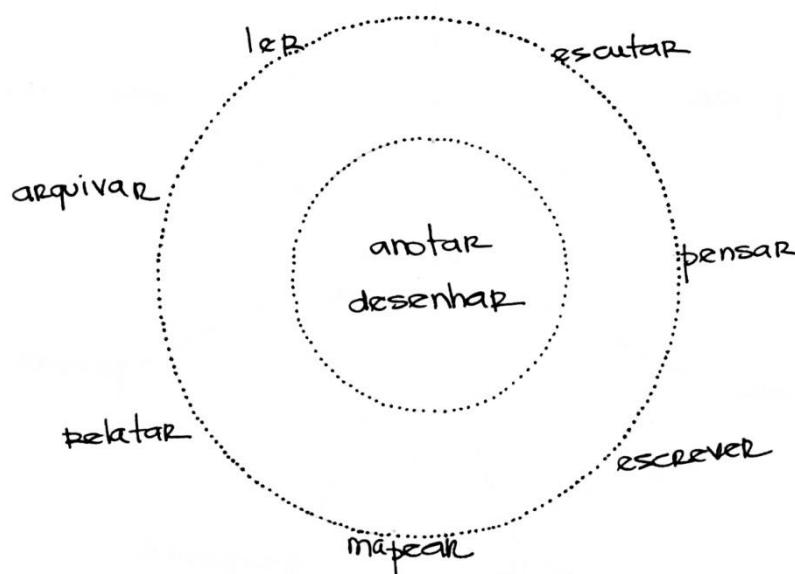


Neste mapa, os conceitos de fragmentação e tempo integram o campo de interesse numa dimensão periférica, às bordas do núcleo principal. A literatura possui seu núcleo próprio, uma vez que é um território amplo de interesse inserido na investigação teórico-prática, ao considerar o *texto como um lugar que viaja*³. A composição deste núcleo é bastante flutuante, e neste

³ Referência a uma das passagens de Maria Gabriela Llansol no livro "Um falcão no punho. Diário I" (1998, p. 135): "texto, lugar que viaja".

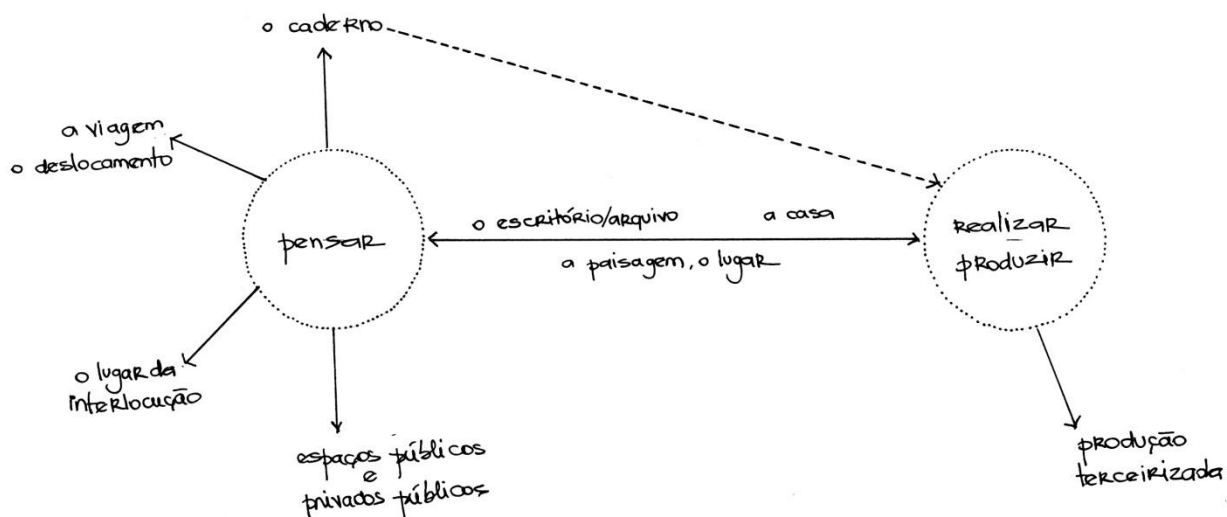
momento os autores que o compõem são: Gabriel García Márquez, Georges Perec, Manoel de Barros, Mia Couto e Maria Gabriela Llansol.

Algumas operações que identifico no meu processo de trabalho neste momento estão relacionadas especialmente ao registro: anotar/desenhar. Essas operações desdobram-se em outras derivadas como ler, escutar, pensar, escrever, mapear, relatar e arquivar.



ESPAÇOS DE TRABALHO

A reflexão que venho elaborando acerca de meus espaços de trabalho está diretamente relacionada a essa metodologia que agora se desenha. Os tempos-espacos da espera e aqueles entre (e que incluem) os deslocamentos configuram-se como setas que orientam o meu pensamento poético neste momento. A princípio, então, o trabalho pode acontecer em qualquer lugar. Entretanto, foi possível traçar uma espécie de cartografia desses espaços:



a. Espaços para pensar

- . O caderno (ateliê portátil, que aos poucos se torna também lugar para produzir);
- . Espaços públicos e privados públicos (aeroportos, rodoviárias, halls de centros culturais, museus e cinemas, shoppings, jardins, parques, bibliotecas, salas de espera...);
- . O lugar da viagem, o deslocamento (ônibus, avião, a pé...);
- . O lugar da interlocução: encontros, conversas, colaborações, sala de aula.

b. Espaços para pensar e produzir

- . O escritório/arquivo;
- . A casa;
- . A paisagem, o lugar.

c. Espaços para realizar

- . Espaços de produção terceirizada (gráficas, bureaus de serviços, laboratórios fotográficos).

d. Um espaço a ser elaborado no futuro é o da exposição e distribuição do trabalho.

Além dos espaços de trabalho, venho pensando no *tempo*, em como me permito sair e entrar no tempo do trabalho ao longo dos dias. De como o tempo entre deslocamentos e viagens torna-se fragmentado e acelerado. Sinto que esses procedimentos de registro parecem funcionar como uma espécie de retardamento desses tempos: uma pausa para anotar e registrar, dar espessura aos pensamentos e à experiência de estar no entrecruzamento entre aquele espaço e aquele tempo, algo que não voltará a acontecer. O ato de parar para anotar e desenhar talvez

possa ser considerado uma espécie de parênteses espaço-temporal: um retardo no tempo e uma desaceleração do movimento.

MODOS DE TRABALHO: A VIAGEM, O OLHAR ESTRANGEIRO

Penso a metodologia de trabalho que estou esboçando também como uma instância poética que integra a prática artística. A noção de *laboratório*, apresentada por Maria Ivone dos Santos⁴, interessa-me bastante: elaborar uma situação, observá-la, registrar as impressões, voltar aos registros, elaborar um pensamento⁵.

Venho criando pequenos laboratórios de observação dos espaços ao redor, colocando-me em estado de escuta e percepção quando entro em deslocamento. Nem todos os deslocamentos são percebidos desse modo, entretanto, há três circunstâncias recentes que se configuraram como laboratórios, pelo interesse e desdobramentos das reflexões geradas ao longo dessas espécies de viagens:

1) Lab 1 :: manhã de 15 de setembro de 2012 → deslocamento para a região norte de Porto Alegre, um lugar muito distante e completamente novo para mim. A sensação de *des-norte-amento* (sem norte, perda do norte, como encontrar o norte?) gerou diversas reflexões envolvendo a ideia de norte e *des-localização*. Aqui comecei a pensar o caderno como uma espécie de bússola que ordena o pensamento, questionando-me se é possível dar um norte aos pensamentos em pleno voo.

2) Lab 2 :: tarde de 15 de setembro de 2012 → deslocamento do centro de Porto Alegre para Viamão. Aqui o estado de escuta intensificou-se e registrei a ideia de “esperar que as palavras pinguem da vida”: de como as palavras ditas por outras pessoas ou lidas em trânsito e descontextualizadas podem tornar-se leves e poéticas⁶.

3) Lab 3 :: 31 de outubro a 2 de novembro de 2012 → viagem de Porto Alegre a São Paulo e permanência na cidade de São Paulo. Essa foi a primeira experiência de iniciar um caderno como *caderno de viagem*. Naquele momento a viagem e o caderno tornaram-se excelentes terrenos para reflexões e registros gráficos. Algumas dessas anotações seguem abaixo:

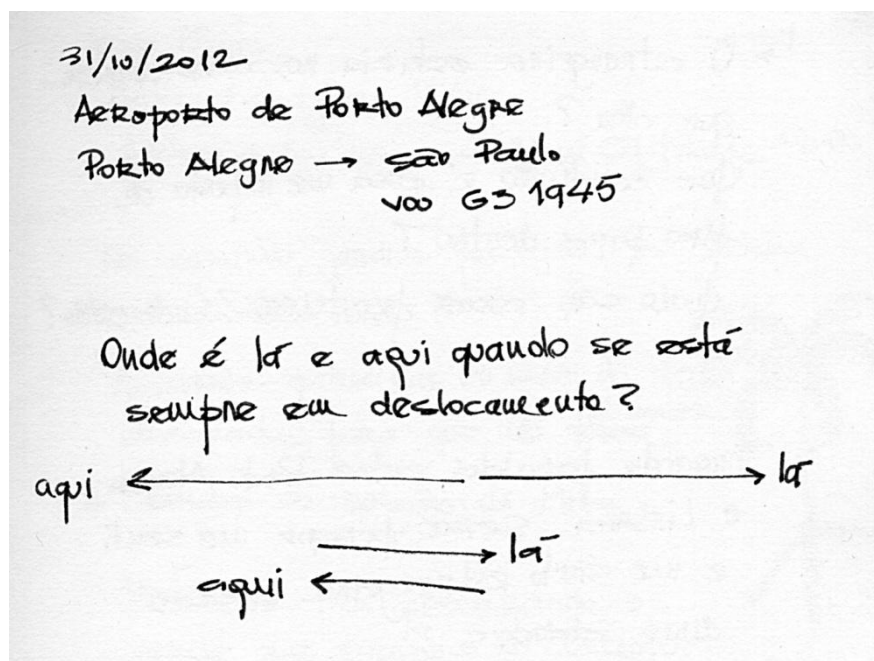
Onde é lá e aqui quando se está sempre em deslocamento?
Quando o deslocamento é encontro, quantos mapas se deslocam?

⁴ Artista visual e professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵ Anotação de aula, UFRGS, Porto Alegre, 8 out. 2012.

⁶ Reflexões registradas em meu *caderno de bordo* iniciado em setembro de 2012.

O lugar da viagem. Que lugar é esse?⁷



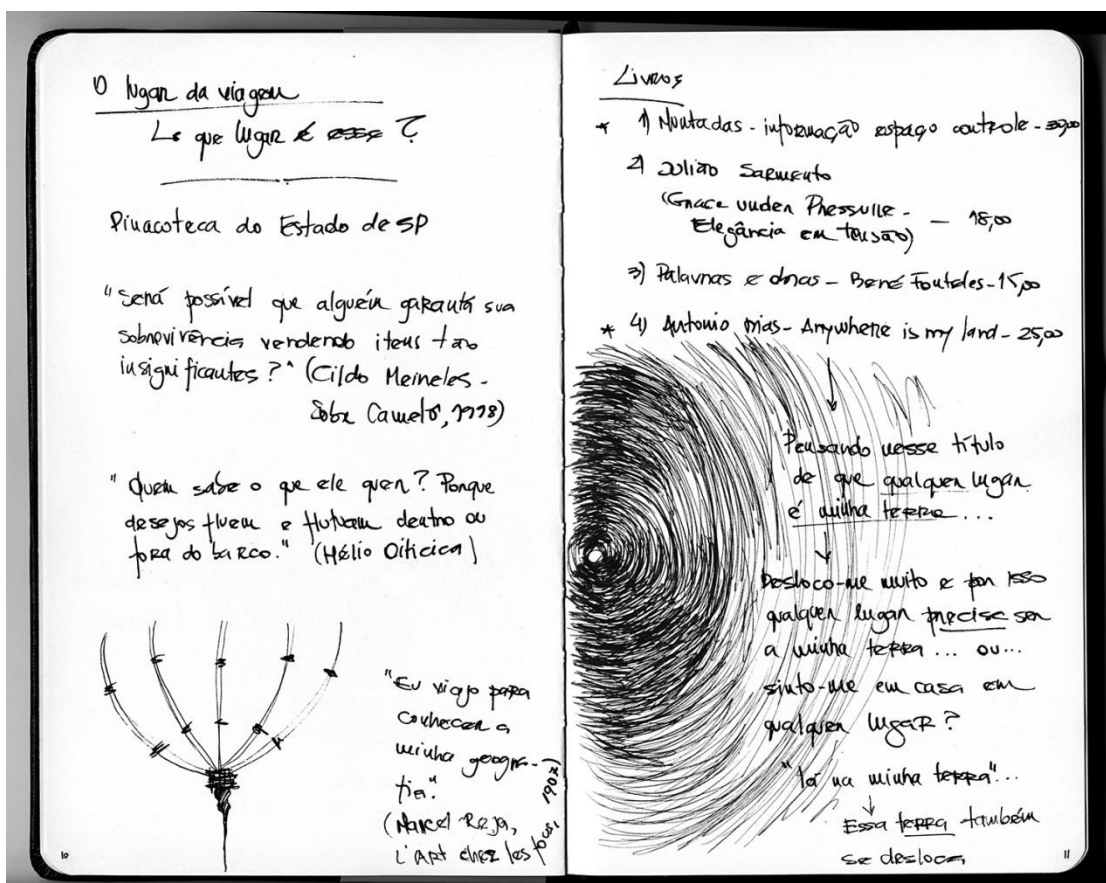
Pensando acerca do título de um livro do artista Antonio Dias, *Anywhere is my land*⁸, visto na Pinacoteca do Estado de São Paulo nessa viagem, anotei em meu caderno: “Desloco-me muito e por isso qualquer lugar precisa ser a minha terra... ou... sinto-me em casa em qualquer lugar? Essa terra também se desloca...”⁹.

A noção de viagem veio a integrar minha pesquisa poética devido aos frequentes deslocamentos que venho realizando desde o início do ano de 2012, entre cidades de Santa Catarina, assim como mais recentemente entre Florianópolis e Porto Alegre. Entretanto, ao refletir acerca da condição de viajante, percebo que a viagem se estende a todos os períodos da minha vida, de modos diversos: viagens de família, viagens de estudos, viagens de trabalho, viagens de mudança, viagens de descobrimento, viagens inclassificáveis...

⁷ Reflexões registradas em meu *caderno de viagem 1*, respectivamente páginas 3, 6 e 10.

⁸ Exposição ocorrida na Pinacoteca do Estado de São Paulo em 2010. Esse é também o título de um dos trabalhos de Antonio Dias em pintura, de 1968, uma espécie de cartografia estelar.

⁹ Reflexões registradas em meu *caderno de viagem 1*, p. 11, em 1º nov. 2012.



Ao registrar anotações e aprofundar as reflexões acerca dessas viagens, venho pensando também a respeito da condição de “estrangeira” que vivencio em alguns desses deslocamentos espaciais. O título do trabalho de Antonio Dias remete-me também a essa ideia de ser (ou não) estrangeira em um lugar que originalmente não é o meu. Entretanto, como minha casa também se deslocou muito, uma vez que já habitei diversos lugares, questiono-me: quando não se tem mais um lugar de origem, que lugar seria o meu? Por algum tempo, o meu olhar seria sempre estrangeiro?

Em minhas anotações, pergunto-me ainda:

Como é meu olhar de estrangeira, se não sou eu que me coloco nessa posição?
 O estrangeiro estaria nos olhos daquele que olha?
 Que condição é essa imposta a mim de fora para dentro?
 Quais são essas fronteiras? Onde estão?¹⁰

É interessante e incômodo habitar uma espécie de região cinzenta entre um lugar e outro, ter a sensação de não pertencer a lugar nenhum, como pontua também o artista cubano Jorge Rodriguez-Gerada, que vive nos Estados Unidos¹¹.

¹⁰ Reflexões registradas em meu *caderno de viagem 1*, p. 3-4, em 31 out. 2012.

O DESENHO, O CADERNO

Compreendo o desenho como um modo de reflexão. Para mim, desenhar é um processo de compreensão, uma forma de dar densidade ao meu pensamento poético.

Como disse o artista Jailton Moreira, em conversa acerca de sua exposição *Desenhos ordinários* (ocorrida no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul em 1994), “o desenho é gerúndio: acontecendo”¹². Eu completaria esse pensamento com uma imagem gráfica:



Nessa mesma conversa, Jailton Moreira fala do desenho como uma relação física, do corpo, da mão, do lápis que entra em fricção com o papel. Percebi naquele momento que é essa também a minha relação primordial com o desenho: o gesto de traçar, o atrito do instrumento de desenho sobre a superfície do papel. Esse pensamento insistente desdobrou-se na compreensão de que talvez o desenhar seja para mim como gravar: quase sulcar, um gesto de gravador, o desenho como gravura¹³.

Os desenhos que venho traçando ao longo das viagens/deslocamentos não são desenhos de observação. Não sei ainda como nomeá-los, talvez sejam algo como *desenhos de pensamento*¹⁴. Registrei em meu caderno: “O que essa paisagem e esse lugar acionam em mim? Que desenhos encontro aqui? Que desenhos encontro dentro de mim ao olhar esse lugar, as pessoas, as coisas?”¹⁵.

Esses desenhos, portanto, são deflagrados pelo lugar, mas não dizem necessariamente respeito ao lugar. O próprio movimento de ir de um lugar a outro muitas vezes gera reflexões e ideias gráficas que são posteriormente registradas. O trânsito tem se mostrado um lugar movediço extraordinário para colocar o pensamento poético também em fluxo.

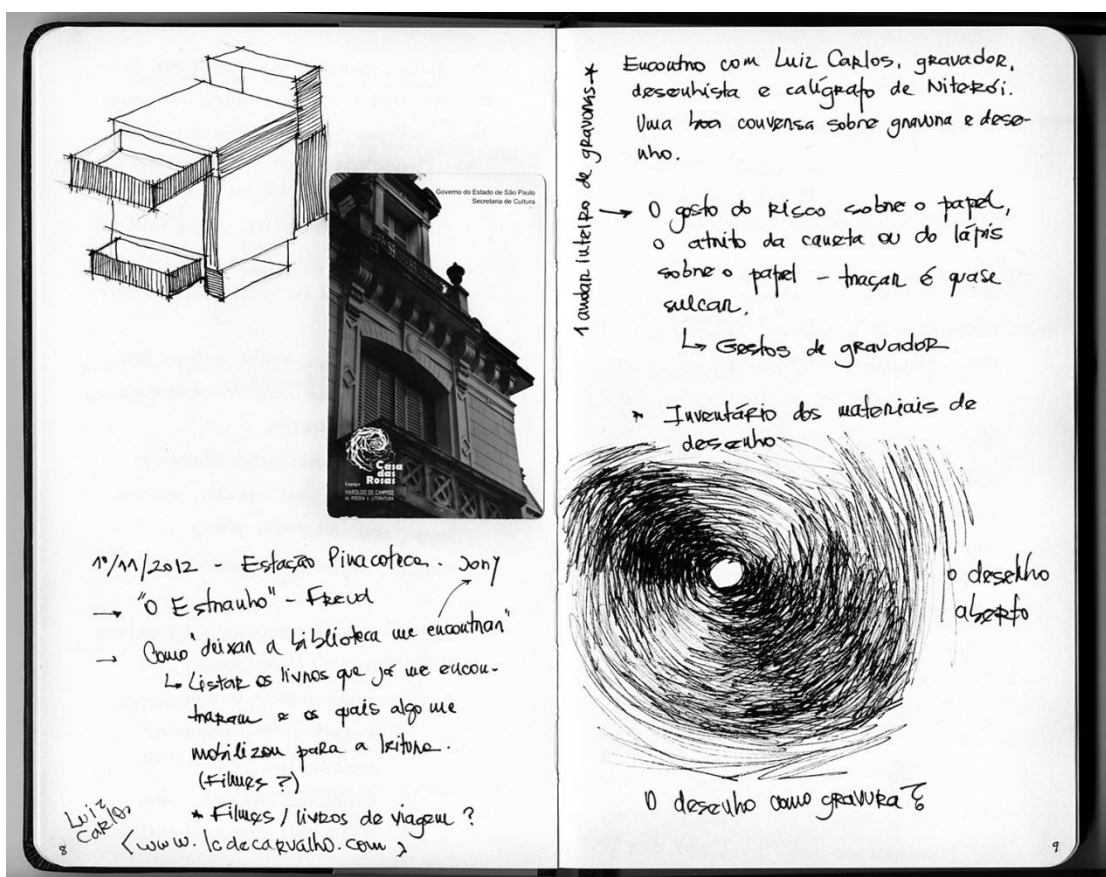
¹¹ Declaração do artista presente no documentário “IDENTIDAD (maría) / IDENTITY (maría)”, realizado por Ana Alvarez-Errecalde.

¹² Conversa pública ocorrida no Instituto de Artes da UFRGS em 23 de outubro de 2012, organizada pela professora Teresa Poester.

¹³ Reflexão registrada em meu *caderno de viagem 1*, p. 9, em 1º nov. 2012.

¹⁴ Algum tempo após a escrita deste ensaio, chegou às minhas mãos o catálogo “El dibujo como pensamiento”, relativo à exposição de desenhos de Robert Morris ocorrida no Instituto Valenciano de Arte Moderna entre setembro de 2011 e janeiro de 2012. Nas primeiras páginas desse catálogo, Consuelo Císcar Casabán, diretora do IVAM, registra a expressão *Reflexiones dibujadas*, com a qual me identifiquei imediatamente.

¹⁵ Reflexões registradas no meu *caderno de viagem 1*, p. 20, em 25 nov. 2012.



Considero também os cadernos de bordo como espaços móveis de trabalho, lugares para pensar por meio de desenhos e de escritas, sem compromisso com a linearidade. Os cadernos sempre tão fragmentados, nada previsíveis, provisórios, indeterminados, instáveis, inacabados, repletos de dúvidas e indecisões...

Em minha pesquisa poética, proponho os cadernos como *lugares-tempo*: lugares de processo, lugares para o registro do breve, daquilo que não permanece, do evanescente, daquilo que passa. Espaços poéticos que se constroem na errância, na viagem.

ALGUNS TRAÇOS PARA NÃO CONCLUIR

Diante da incipiência de minha pesquisa, identifico neste momento em meu processo poético mais questionamentos que respostas, mais vetores provisórios que linhas definitivas. Uma das questões axiais da pesquisa nesta altura é a seguinte: a viagem pode configurar-se como um espaço poético? Ou ainda: o lugar da viagem pode ser considerado uma ampliação do processo artístico e do espaço de trabalho?

Em seu texto "Exílio e criatividade", Flusser lança a hipótese de abordar o exílio como um desafio à criatividade:

O estado de transcendência no qual se encontra (ou se perde) o exilado faz com que tudo pareça provisório e transitório. No hábito, somente as mudanças são percebidas. No exílio, tudo parece estar em constante mudança, e o exilado vê absolutamente tudo como um desafio para suas transformações. Sem a cobertura do hábito, o exilado se torna um revolucionário (...). (FLUSSER, 2011, p. 51)

Ao ocupar esse lugar transitório do viajante (e também do exilado) que observa, registra e reflete, construo no próprio movimento o meu atento e interrogativo olhar estrangeiro. Como diz ainda Flusser (2011, p. 50): “A descoberta começa quando se retira o cobertor. Então tudo se torna incomum, monstruoso e inquietante.”

REFERÊNCIAS

ALVAREZ-ERRECALDE, Ana. **IDENTIDAD** (maría) / **IDENTITY** (maría). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=3WZx11ISAqA>. Acesso em: 24/11/2012. Documentário sobre o artista Jorge Rodriguez-Gerada, postado em jan. 2008.

CASABÁN, Consuelo Císcar et al. **Robert Morris**: el dibujo como pensamiento. Valencia: Institut Valencià D'Art Modern, 2011.

FLUSSER, Vilém. Exílio e criatividade. **Piseagrama**, n. 4, ano 1, p. 50-52, set. 2011. Esse texto integra o livro *The freedom of the migrant*, de Vilém Flusser.

HERZOG, Hans-Michael; SALZSTEIN, Sonia. **Antonio Dias**: Anywhere is my land. Rio de Janeiro: Daros, 2010.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Um falcão no punho**: Diário I. Lisboa: Relógio d'Água, 1998. 2ª ed.

MOREIRA, Jailton. **Desenhos ordinários**. Porto Alegre, 23 out. 2012. Conversa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Maria Ivone. **Metodologia de pesquisa em Poéticas Visuais**. UFRGS, Porto Alegre, 8 out. 2012. Anotações de aula.

SOUSA, Márcia Regina P. **Caderno de bordo**. Caderno iniciado em Florianópolis em set. 2012.

SOUSA, Márcia Regina P. **Caderno de viagem 1**. Caderno de viagem iniciado em Porto Alegre em 17 out. 2012.

ACEITE: 01/03/2013